

## SUMÁRIO

PREFÁCIO . . . . .	7
<i>Maria Francisca Lier-DeVitto e Lúcia Arantes</i>	
Parte I: CRIANÇA E ESCRITA	
A HISTÓRIA DA ESCRITA E A APRENDIZAGEM DE CADA CRIANÇA . . . . .	17
<i>Gérard Pommier</i>	
O BRINCAR COMO OPERAÇÃO DE ESCRITA . . . . .	33
<i>Ângela Vorcaro e Viviane Veras</i>	
Parte II: A ESCRITA NA CLÍNICA	
PROBLEMAS CLÍNICOS DA ESCRITA . . . . .	53
<i>Gérard Pommier</i>	
ESCRITA E LETRA NA PSICANÁLISE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES . . . . .	75
<i>Sônia Borges</i>	
O BRINCAR COMO ESCRITA DO INCONSCIENTE . . . . .	83
<i>Sandra Pavone</i>	
CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERPRETAÇÃO DE ESCRITAS SINTOMÁTICAS DE CRIANÇAS . . . . .	95
<i>Maria Francisca Lier-DeVitto e Lourdes Andrade</i>	
EFEITOS DA ESCRITA NA CLÍNICA DE LINGUAGEM . . . . .	117
<i>Lúcia Arantes e Suzana Carielo da Fonseca</i>	
Parte III: ESCREVER A CLÍNICA	
ESCREVER A CLÍNICA: DA NOVELA FAMILIAR AO NÓ, OU DO ROMANCE ATÉ A ESCRITA . . . . .	143
<i>Dominique Fingerman</i>	

ESCREVER A CLÍNICA . . . . .	151
<i>Maria Teresa Guimarães de Lemos</i>	
A TRANSMISSÃO SO-LETRADA . . . . .	159
<i>Nina Virgínia de Araújo Leite</i>	
A CONSTRUÇÃO DO CASO CLÍNICO . . . . .	167
<i>Christian Ingo Lenz Dunker</i>	
ESCRITA E FANTASMA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA . . . . .	177
<i>Ana Costa</i>	

Parte IV: ESCOLA, ESCRITA E INCLUSÃO

TRÊS NOTAS E UM EPÍLOGO SOBRE ESCOLA, ESCRITA E INCLUSÃO . . . . .	189
<i>Leandro de Lajonquière</i>	

EM TORNO DA INTERFACE E DOS INTERVALOS ENTRE A FALA E A ESCRITA . . . . .	201
<i>Maria Fausta Cajayba Pereira de Castro</i>	
ALFABETIZAÇÃO, AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E TEXTO NA ESCOLA: ALGUMAS PALAVRAS PARA O PROFESSOR . . . . .	215
<i>Zelma R. Bosco</i>	

Parte V: ESCRITA E SURDEZ

ABORDAGEM DISCURSIVA NA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA: A ESCRITA E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA . . . . .	233
<i>Clay Rienzo Balieiro e Maria Cecília Bonini Trenche</i>	
LETRAMENTOS E BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS . . . . .	247
<i>Sueli Fernandes</i>	
SENTA AQUI PARA VER HISTÓRIAS: LITERATURA SURDA . . . . .	259
<i>Lodenir Becker Karnopp</i>	
REFLEXÕES SOBRE A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA POR CRIANÇAS SURDAS . . . . .	271
<i>Maria Cristina da Cunha Pereira</i>	

## PREFÁCIO

*Faces da escrita* é resultado do IV Simpósio Derdic-PUCSP<sup>1</sup> que envolveu vários centros universitários do país, representados por pesquisadores com amplo reconhecimento científico no tratamento do tema destacado para o evento – ‘escrita’ foi o pólo organizador de reflexões e debates. Trata-se de assunto que tem instigado a reflexão de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento e que tem sido abordado a partir de ângulos e perspectivas bastante particulares. De fato, sua importância e interesse têm sido sublinhados por pesquisadores não só da Educação e da Linguística, campos em que sua pertinência fenomênica e conceitual é mais prontamente admitida, como também da Fonoaudiologia, da Psicanálise e da Psicologia. Estes campos introduzem além de questões teóricas ligadas à *escrita*, também reflexões clínicas. A Derdic convidou um psicanalista para a conferência de abertura do Simpósio, o Prof. Dr. Gérard Pommier, atualmente ligado a Universidade Louis Pasteur, de Estrasburgo, que fez a conferência de abertura, intitulada *A história da escrita e a aprendizagem de cada criança* - texto que inicia este livro. Ele foi, ainda, debatedor da conferência de encerramento do IV Simpósio Derdic, realizada pela Profa. Dra. Ângela Vorcaro, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), nomeada: *O brincar como operação de escrita*. Este livro

- 
1. Divisão de Educação e de Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trata-se de instituição da PUCSP dedicada à pesquisa e ao atendimento clínico de pessoas com problemas de audição, voz e linguagem. Ela conta com Serviços que envolvem fonoaudiólogos, médicos psicólogos e psicanalistas. Além dessas áreas, a Derdic tem uma escola para surdos – o Instituto de Educação São Paulo (IESP). *Faces da escrita* contempla todos esses campos de reflexão e de atuação, como esse título sugere.

inclui, ainda, outro capítulo por Gérard Pommier. Trata-se de *Problemas clínicos da escrita* que, por sua originalidade, foi incorporado a este volume.

Pommier é autor de *Naissance et renaissance de l'écriture*, um texto notável e instigante que foi o motivo do convite endereçado a ele. Neste livro, Pommier (1996) mobiliza noções e conceitos psicanalíticos ao abordar a gênese da escrita alfabética na história da humanidade e ao refletir sobre efeitos da relação da criança com a escrita. Segundo Pommier, os dois caminhos se tocam, embora não se recubram. Seu argumento é o de que os mesmos processos estariam envolvidos na gênese da escrita e em sua aquisição/aprendizagem.

Note-se que Pommier recorre à história oficial da escrita, mas a *interpreta*: põe em movimento a estrutura do *complexo de Édipo* e recorre ao texto freudiano *Totem e Tabu*<sup>2</sup> na interpretação do *nascimento* da escrita e de seu *renascimento* para cada criança. Ele argumenta que se o totem, na escrita hieroglífica, remete aos deuses; na constituição de cada sujeito, ele é representado pela figura paterna. A destruição das figuras dos deuses das inscrições egípcias corresponde à morte simbólica do totem e equivale às interdições que ocorrem na travessia do complexo de Édipo pela criança. A originalidade incontestável de Pommier se mostra precisamente na ampliação dessa discussão para a reflexão sobre a relação criança-es-

- 
2. Freud em *Totem e Tabu*, partindo de Robertson Smith (1889), define o totem como um animal que o guardião do clã e é assumido como seu antepassado comum. Mas, curiosamente, havia o ritual totêmico e, nele, a refeição totêmica que envolvia o assassinato do animal totêmico e sua devoração (assim, sua interiorização). Duas interdições sagradas foram estabelecidas e devem ser cumpridas pelos membros do clã: não matar seu totem e *não* manter relações sexuais entre pessoas sob o mesmo totem. Freud lembra que elas são estão ligadas a duas transgressões cometidas por Édipo, na tragédia de Sófocles; ela matou o pai e casou com a mãe e estabelece uma homologia entre as interdições e os dois desejos que são recalçados na travessia do complexo de Édipo. Deste modo, diz ele: “o sistema totêmico é um produto das condições em jogo no complexo de Édipo” (Freud 1912, p. 159). Em *A dissolução do Complexo de Édipo*, Freud (1924) afirma que a autoridade do pai acaba *introjetada* no aparelho psíquico e essa instância superegóica assumirá a função de interdição dos desejos da criança (vencer o pai e ficar com a mãe). Esta interdição está ligada ao mecanismo de recalçamento desses desejos infantis que, diz Freud, permanecem inconscientes.

crita: *proibição, interdição, apagamento e recalçamento* movimentam a teorização desenvolvida por ele.

No que concerne à relação entre desenho e a escrita, sua hipótese é a de que essa relação nunca se perde – ela está marcada na história do nascimento da escrita e só após transformações importantes é que o desenho cede a um *traçado significativa* – o traçado de letras. O *signo escrito* é, além do mais, *visual* o que aponta para o fato de que, na leitura e na escrita, há permanência da imagem na passagem do desenho às letras. Essa relação entre desenho e escrita não é, contudo, simples – é, ao contrário, bastante complexa. Para que a escrita constituída aconteça, diz Pommier, as imagens *não são* eliminadas, são *recalçadas*. Note-se que, se Pedagogia e Psicanálise parecem convergir na afirmação de que, nos momentos iniciais, *escrita* e *desenho* não apresentam distinção significativa, a diferença entre esses campos está em que, para a Psicanálise, o processo é *inconsciente* e não uma construção cognitiva. Entende-se, assim, a importância teórico-explicativa que adquire o processo de recalçamento<sup>3</sup> na obra de Pommier. Ao colocá-lo para trabalhar ele não só articula *nascimento* e *renascimento* da escrita, mas enlaça, ainda, *aquisição da escrita* e *constituição subjetiva* ao encaminhar uma proposta psicanalítica sobre o renascimento da escrita.

Na história da escrita, há um momento crucial, assinala o autor, que corresponde ao apagamento de figuras nas representações hieroglíficas.<sup>4</sup> Há, aí, afirma ele, *recalçamento do valor icônico* e *destacamento do valor sonoro* na composição das sequências.<sup>5</sup> Os hieróglifos egípcios eram rebus e a partir da proibição, nessa escrita, do registro da imagem dos deuses, assiste-se ao surgimento da consoante. A escrita consonântica surge,

- 
3. Para Freud, recalçamento é o mecanismo psíquico cuja função é afastar determinada representação da consciência.
  4. Com o advento do monoteísmo, surge uma proibição: a imagem dos deuses (enquanto totens) foi eliminada da escrita hieroglífica, dando margem ao aparecimento das consoantes que, por aparecem no lugar das imagens dos deuses, podem ser pensadas como escrita da lei, já que decorrentes de uma proibição que está, por sua vez, em relação com o Complexo de Édipo.
  5. Não seria diferente nos sonhos: em sua leitura é preciso recalcar o valor de imagem (a imagem deve ser *esquecida*) para que se possa decifrar os rebus em que ela se inscreve.

assim, como efeito da proibição da representação figurativa. Em outros termos, na origem das letras está o apagamento da figura nos rebus. A rigor, segundo ele, a escrita alfabética passou por um *duplo apagamento: da figura e, também, da imagem da letra* – condição para que elas se articulem em palavras e textos. Pommier relaciona esse duplo apagamento aos *dois tempos lógicos do recalque* de Freud: *recalcamento originário*, que afasta o representante psíquico da pulsão - essa “força indeterminada que comanda as necessidades, vontades, desejos” (Freud 1915[2006], p. 63) e *recalcamento secundário*, que afasta as representações derivadas do representante recalcado. Pommier propõe, então: (1) que o *apagamento da imagem* está relacionado ao recalque primário e (2) que o recalque secundário, ao *apagamento da relação entre imagem sonora e imagem visual*. Se este segundo recalque não ocorresse, diz ele, os signos seriam “vistos”, mas não “lidos”.

Gérard Pommier sustenta que o caminho até o alfabetismo depende, portanto, de recalques/apagamentos. O apego ao valor da imagem visual da letra está presente desde o desenho e, segundo Pommier, a passagem ao alfabetismo não ocorrerá enquanto persistir, na escrita, um valor icônico. Quanto à relação oralidade e escrita, pode-se antever que Pommier alinha-se à tendência que sustenta não haver equivalência/transparência entre oralidade e escrita. Afinal, além de não haver identidade entre som e letra, letras diferentes podem ter a mesma sonoridade. Quando se considera essa relação, não se deve perder de vista também, diz o autor, a acentuada desproporção entre a habilidade de falar e a de escrever.

Embora sucinta, acreditamos que esta breve introdução ao texto de Pommier, seja suficiente para iluminar sua força explicativa e originalidade. Esperamos, acima de tudo, que ela possa justificar porque a Derdic o elegeu como conferencista de seu evento científico de maior porte. *Naissance et renaissance de l'écriture* abre uma direção inusitada para a investigação e discussão da intrigante relação criança-escrita e, nos artigos, incluídos no presente volume, aqueles que abordam a *aquisição/aprendizagem da escrita* e a *escrita de pacientes na clínica* é mesmo essa enigmática relação que ganha relevo. Não só caminhos bem sucedidos interessam à investigação sobre a escrita. Tropeços ou fracassos escolares na lida com a escrita, produções estranhas, composições enigmáticas e erros interro-

gam também professores e pesquisadores. Ocorrências irregulares são manifestações que *escapam da intenção e do controle do falante* - elas permitem, ainda, levantar o véu que encobre o fato de que a escrita não está, igualmente, sob o comando direto e intencional do professor ou de terapeutas.

Em *Faces da escrita*, esses embaraços são restituídos à condição de *enigmas*, ou seja, eles não ficam circunscritos a uma questão que possa ser resolvida por um manejo de métodos de ensino ou através da correção. Isso porque essas manifestações intrigantes são '*escrita*' e legítimas manifestações da relação criança-escrita. Por isso, elas não interpretadas como "falsas analogias" nem como "falta de conhecimento". Pode-se tomar o partido de quem entende que há uso sem conhecimento e interrogar se a linguagem é mesmo "objeto de conhecimento" (De Lemos 2002, pp. 41-69; 2006, pp. 21-32). Isso os conduz à necessidade de sublinhar, uma vez mais, a relevância da reflexão de Pommier ao abordar essas ocorrências tão íntimas a relação sujeito-escrita - as leis que regem a relação criança-escrita podem não ser "cognitivas". Fracassos ou embaraços podem, por essa via, ser trabalhados como questões não circunscritas a "falta de conhecimento" ou a efeitos diretos da ineficácia de métodos de ensino.

Compreende-se, assim, porque vários artigos em *Faces da escrita* consultam a Psicanálise que, ao introduzir a hipótese do inconsciente, ilumina a força das leis da ordem simbólica (da linguagem) na estruturação subjetiva. Mais afastado do vértice metodológico, a explicação para o sucesso (ou não) do sujeito na aprendizagem viria de uma "*outra cena*", numa alusão a Freud - de uma cena que não pode ser prevista por nenhum método de ensino (Lajonquiére 1992). O ponto fundamental é que o caminho que leva a sua estabilização (aparente) não está desligado dos conflitos da relação sujeito-escrita e nem a ilusão de conhecimento do escrevente está livre do retorno dessas ocorrências.

Quando a relação criança-escrita envolve crianças '*falantes*' de uma língua gestual, que não tem escrita, variáveis muito especiais interferem. Elas são introduzidas à escrita de uma língua oralizada - língua que esses falantes não ouvem e nem falam. Trata-se, como se pode vislumbrar, de um caminho de alfabetização que envolve mistérios que desafiam a reflexão sobre a *relação criança-escrita*, ou melhor, de *impasses particulares* que essa relação pode assumir. Ganham contornos muito especiais, no caso,

as considerações sobre a difícil relação *oralidade - escrita*, principalmente porque, embora a manifestação oral não seja acessível para crianças surdas, *a escrita* que seria sua representante muda, não deixa de acontecer. De fato, a escrita, que se realiza, vem marcada pela surdez - traz (ou pode trazer) questões relacionadas à temática sociopolítica da *exclusão social* e/ou *profissional* do surdo. Em torno das questões da alfabetização, da oralidade/escrita e da inclusão/exclusão de surdos, temos artigos desenvolvidos trabalhados, neste livro, por Lodenir Becker Karnopp, Sueli Fernandes e Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka.

Psicanalistas e fonoaudiólogos refletem sobre a escrita e o sujeito que escreve. De fato, considerar a presença da escrita na clínica - seus efeitos sobre o paciente e sobre o clínico - é uma condição imposta, podemos dizer, pelas mãos dos próprios pacientes. Ela é quase que invariavelmente trazida pelas próprias crianças, pelos adolescentes e psicóticos para o espaço clínico. Às vezes, ela é o único meio de que pessoas dispõem para 'falar' e convocar o outro. Por vezes, ela é incipiente, mas não declina, insiste numa demanda por transformação. Importa assinalar que o encontro com uma diversidade de quadros e casos clínicos levanta a questão: "*o que é a escrita para cada paciente, cada um deles?*" Os efeitos imprevisíveis da relação sujeito-linguagem (fala ou escrita) interrogam a própria clínica - a possibilidade de dizer uma clínica, ou melhor, de escrever o singular.

Antes de encerrar esta apresentação, importa dizer que a presença de Gérard Pommier propiciou articulações importantes e frutíferas com o LAEL-PUCSP Grupo de Pesquisa Aquisição, patologias e clínica de linguagem, através de Maria Francisca Lier-DeVitto e Lúcia Arantes e, também, com outros centros acadêmicos do país. Um programa de atividades e de estudo, envolvendo minicursos e conferências, foi estabelecido em conjunto com a Unicamp: através do Projeto *SemaSoma*, coordenado por Nina Virgínia de Araújo Leite e do Projeto de *Aquisição da Linguagem*, por Maria Fausta Cahayba Pereira de Castro. O Departamento de Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco da UFPE, através de Glória Maria Monteiro de Carvalho; o Departamento de Psicologia da USP, através de Christian Ingo Dunker e a Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano - São Paulo, através de Dominique Finger-*man* participaram de forma ativa da montagem desse programa.

Procuramos, nesta apresentação, indicar ao leitor as “faces da escrita”, que são tratadas neste livro. Procuramos iluminar a inegável relevância do tema abordado e das discussões encaminhadas pelos estudiosos convidados para o IV Simpósio Derdic- *Escrita* e deste livro, cuja qualidade justifica, a nosso ver, sua publicação. Para encerrar este prefácio, gostaríamos de registrar o agradecimento da Derdic à Maria Cecília da Silva Santos, Clay Rienzo Balieiro, Kathryn Pacheco Harrison e Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka pelo compromisso assumido e pelo envolvimento sustentado ao longo de todo o processo de organização e condução do IV Simpósio Derdic-*Escrita*. Este foi o evento que deu margem a *Faces da escrita*.

Maria Francisca Lier-DeVitto  
Lúcia Arantes

### *Referências*

- DE LEMOS C. T. G. (2002). “Das Vicissitudes da Fala da Criança e de sua Investigação.” *Caderno de Estudos Lingüísticos*, n.º 42, pp. 41-69.
- \_\_\_\_\_. (2006). “Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição de Linguagem”, in: LIER-DEVITTO, M. F. e ARANTES, L. (orgs.) (2006). *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo: EDUC, pp. 21-32.
- FREUD, S.(1915[2006]). “O Recalque.” *Obras Completas*, vol II. Rio de Janeiro: Imago.
- LAJONQUIÈRE, L. (1992). *De Piaget a Freud – a (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber*. Petrópolis: Vozes.